



Data: 05.04.2014

Título: Como os portugueses vêem o Estado Novo

Pub:

Expresso

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;20;21


clipping
consultores

25 DE ABRIL O ACONTECIMENTO MAIS IMPORTANTE

Inquérito mostra que a Revolução dos Cravos é de longe o facto mais relevante da História de Portugal P20

Área: 2166cm² / 55%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4819148



Data: 05.04.2014

Título: Como os portugueses vêem o Estado Novo

Pub: **Expresso**

Tipo: Jornal Nacional Semanal


clipping
consultores

Secção: Nacional

Pág: 1;20;21

Memória Um estudo sobre os 40 anos do 25 de Abril revela um cada vez maior desconhecimento sobre o passado. Mas os portugueses têm orgulho nessa data e pensam que o Estado Novo foi muito negativo

Como os portugueses veem o Estado Novo

Avaliação dos portugueses é muito negativa

LUÍSA MEIRELES

Os portugueses elegem a revolução de Abril como o principal acontecimento da História de Portugal. Do Estado dito Novo não querem saber, nem sabem. Di-lo o politólogo António Costa Pinto, que analisou os resultados da primeira parte de um estudo sobre os 40 anos do 25 de Abril, que será apresentado numa conferência do Expresso no próximo dia 16.

Quais são as principais conclusões deste estudo?

A grande conclusão é a de que o 25 de Abril se foi transformando numa data na qual os portugueses têm orgulho e se reveem no fundamental no derrube do regime autoritário. Deixou de ser um tema de divisão.

Porquê essa 'unanimidade'?

Por duas razões: o facto de o 25 de Abril ser um movimento de rutura, um golpe de Estado onde a diferença entre o antes e o depois foi clara; e do próprio regime e os partidos sempre o terem valorizado. Nenhum partido reclamou a herança do Estado Novo como tal.

Mas há figuras do antigo regime que entram na política

Sim, mas os partidos que vão representar a direita e o centro-direita afirmaram-se sempre claramente pelo 25 de Abril.

É uma data positiva, portanto.

Sem dúvida. Numa primeira fase, os partidos até se afirmam con-

tra um duplo passado, o autoritário, e, no caso dos partidos de centro-direita e do Partido Socialista, contra o PREC nas suas dimensões mais radicais, contra o comunismo, a "perversão totalitária", usando uma expressão da época.

De repente, desapareceram os apoiantes do antigo regime?

Perderam legitimidade e nunca conseguiram a legitimidade democrática, ao contrário do que aconteceu em muitas transições de Leste, em que antigos partidos comunistas conseguiram legitimar-se democraticamente, reconvertendo-se em outros partidos.

O processo português tem mais parecenças com o fim das ditaduras do sul da Europa ou com as do Leste?

A transição portuguesa tem uma dimensão singular, que é o facto de ter como base um golpe de Estado militar, não hierárquico. Depois, por incluir logo a seguir uma profunda crise do Estado e fortes movimentos sociais. A nossa transição tem mais a ver com as que se realizaram no pós-Segunda Guerra Mundial. A transição grega foi por rutura mas controlada pelas elites, e a espanhola foi de "rutura pactada".

Entre 2004 e 2014 diminuíram contudo os juízos negativos em relação à ditadura...

Muitas vezes os juízos sobre o passado têm a ver com o presen-

te. Parte da sociedade não tem uma visão científica do passado, mas sim a que lhes provém da memória familiar, da exposição aos *media*, do que os partidos vão dizendo, ou do que aprenderam na escola. Já em 2004 havia uma minoria que pensava que o regime tinha aspetos mais positivos do que negativos. As democracias coabitam com sectores da sociedade que não expressam valores democráticos e têm uma visão positiva sobre o passado autoritário.

É uma certa nostalgia?

Sim. Jaime Nogueira Pinto salienta uma questão, referindo o facto de partidos como o CDS terem cumprido a função de integrar sectores que não exprimiam valores democráticos. Ele diz algo como "o eleitorado estava à direita dos militantes e os militantes à direita dos dirigentes". Notamos nos estudos que há valores autoritários e um aumento do euroceticismo, só que não estão a ser mobilizados politicamente.

Porque o 25 de Abril é o mais importante facto da História?

Há um grande desconhecimento da História, sobretudo nos últimos 20 anos. Muito poucos conseguem dar o nome de uma figura da I República ou do século XIX. Basicamente são três navegadores, eventualmente o marquês de Pombal, Salazar e alguns dirigentes do pós-25 de Abril. Por outro

Área: 2166cm² / 55%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4819148



Data: 05.04.2014

Título: Como os portugueses vêem o Estado Novo

Pub: **Expresso**

Tipo: Jornal Nacional Semanal


clipping
consultores

Secção: Nacional

Pág: 1;20;21

lado, esta é uma data mais presente. E mesmo para a geração mais nova, continua a estruturar a sociedade, o pré e o pós, o que o avô fazia, se nasceu antes ou depois. A rutura está presente.

❑ **E as outras datas históricas sumiram no esquecimento?**

❑ A maioria não tem a visão histórica e a sociedade recolhe basicamente três grandes acontecimentos: o Estado Novo e a herança do passado, o 25 de Abril e a transição da descolonização para a adesão à União Europeia.

❑ **Quem elegem como protagonistas do Estado Novo?**

❑ Praticamente só surge Salazar, às vezes Américo Tomás. Há 10 anos, já poucos portugueses sabiam quem era Marcello Caetano.

❑ **Como se explica que os eleitores do CDS considerem que o antigo regime não tenha tido mais coisas positivas do que negativas e haja eleitores do BE e do PC que o refirmam?**

❑ O quadro (à dir.) diz que os eleitores do PSD, PS e partidos à esquerda se reveem no 25 de Abril e que os que menos se reveem são os do CDS. Não sei se expressa sectores que exprimiam valores autoritários e que o CDS integrou, ou se expressa sectores com esses valores atualmente e que usam o passado de forma instrumental. Por outro lado, a democratização fez um processo de deslegitimação do salazarismo, mas na memória da sociedade, este não foi um regime de extremos, nem o mal absoluto, como o nacional-socialismo alemão, ou a ditadura militar chilena. Para um segmento, até assegurou melhor a ordem ou a repressão da criminalidade.

❑ **Não é contraditório as pessoas serem mais a favor do julgamento dos Pides, quando ao mesmo tempo expressam juízos menos negativos sobre a ditadura?**

❑ Estamos a julgar o passado. Seriam diferentes as atitudes se colocássemos a sociedade portuguesa a julgá-los hoje. Há a percepção de que os dirigentes da ditadura esca-

param para o Brasil, quando esta foi uma escolha dos militares nos primeiros dias, porque temiam que pudessem ser tema de pressões ou de criminalização.

❑ **E foi isso que levou os portugueses a ter o sentimento de que não foram julgados?**

❑ É muito evidente no que toca à polícia política. Alguns deles foram julgados e condenados em tribunal militar mas já no período de consolidação democrática, em que o ambiente era de reconciliação política e esquecimento. É o pós-25 de novembro. Nessa altura, a consolidação já se confrontava com o problema do duplo legado: o da ditadura e o do PREC. Os primeiros governos constitucionais acentuam muito o discurso de reconciliação e apagamento deste duplo legado. As atitudes perante o passado ficaram enterradas no processo de transição.

❑ **É semelhante a outras transições?**

❑ Não, porque a maior parte não conheceu um processo de crise tão significativa do Estado, em grande parte provocado pelo carácter simultâneo da descolonização e da democratização. As opções são fazer uma amnistia e esquecer, ou punir os dirigentes. Em Portugal, a opção foi diferente: existiu logo um movimento de punição, com processos de saneamento e expulsão da elite económica, de desfascização. Só nos primeiros seis meses são enviados para a reforma 300 militares e no total os dados apontam para quase 20 mil pessoas saneadas até ao 25 de Novembro.

❑ **Nunca teria sido possível uma transição negociada...**

❑ O fim do regime ficou indissolavelmente ligado à guerra colonial. O problema era esse: o fim da ditadura era o fim da guerra e o fim da guerra o fim da ditadura. Mas há um ponto muito importante na memória do 25 de Abril, independentemente das atitudes eleitorais: a imagem de libertação, de que, a 26 de abril, a sociedade portuguesa estava livre e podia ex-

pressar-se. Há um sentimento global da libertação, mesmo para sectores não particularmente politizados ou descontentes.

lmeireles@expresso.imprensa.pt

A TRANSIÇÃO PORTUGUESA TEM A DIMENSÃO SINGULAR DE TER POR BASE UM GOLPE DE ESTADO MILITAR DO ESTADO NOVO SURGEM FIGURAS COMO SALAZAR, ÀS VEZES AMÉRICO TOMÁS. NÃO SABEM QUEM É MARCELLO CAETANO



25
de
ABRIL
40 anos

Área: 2166cm² / 55%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4819148



Data: 05.04.2014

Título: Como os portugueses vêem o Estado Novo

Pub: **Expresso**

clipping
consultores

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;20;21

QUAL DOS SEGUINTE FACTOS FOI MAIS IMPORTANTE PARA A HISTÓRIA DE PORTUGAL?

Batalha de Aljubarrota	Chegada de Vasco da Gama à Índia	Restauração da independência em 1640	Adesão de Portugal à CEE	Implantação da República	25 de Abril de 1974
↓ 3% (4% há 10 anos)	↓ 4% (7%)	↓ 5% (10%)	↓ 6% (9%)	↑ 11% (8%)	↑ 59% (52%)

OS VALORES ENTRE PARÉNTESIS CORRESPONDEM AOS RESULTADOS DO ESTUDO FEITO EM 2004. A SETA MOSTRA A TENDÊNCIA ATUAL DAS RESPOSTAS FACE AO MESMO ESTUDO. NÃO SABE/NÃO RESPONDE: 12% (EM 2004 FOI 11%)

59%



dos portugueses consideram o 25 de Abril de 1974 como o facto mais importante da História. Explica-o o facto de a data ser ainda próxima, a rutura clara e o sentimento global de libertação que ainda permanece

A revolução de Abril tem maior significado para as mulheres do que para os homens. Estes dão mais importância a temas como a Batalha de Aljubarrota ou à restauração da independência



As pessoas com menor nível de ensino dão mais importância ao 25 de Abril. Os mais instruídos relevam mais a chegada de Vasco da Gama à Índia e/ou a adesão de Portugal à CEE porque têm uma visão mais global da História de Portugal

Uma rejeição absoluta e unânime do Estado Novo

E viva o 25 de Abril! Se alguma coisa resultou deste estudo, feito pela segunda vez em dez anos (houve outro em 2004) é isso mesmo: os portugueses rejeitam o passado ditatorial e consideram o 25 de Abril o acontecimento mais importante da sua História, entre todos os outros. Porquê? As interpretações são várias e a ignorância (e de quem é a culpa?) não é com certeza a menor das explicações. Mas hoje, à distância de 40 anos de democracia, esbateram-se as divisões, sobretudo sobre o período imediatamente após o golpe, que se tornou uma revolução porque, como se sabe, o povo saiu à rua e apoiou, ovacionou e saudou a libertação. A rutura foi clara e há, para novos e velhos, um antes e um depois, e os portugueses no seu conjunto orgulham-se dela. É singular a transição portuguesa. Poucas são as de cariz demo-

crático que ocorreram por força de um golpe de Estado militar e ainda por cima logo seguido de uma crise profunda do Estado e de fortes movimentos sociais, onde foi muito forte a dinâmica da punição (os saneamentos, expulsões, exílio) e a pulsão anticapitalista. O pêndulo do 25 de Novembro haveria de oscilar para o outro lado até se restabelecer o equilíbrio. Mas, sobretudo, nenhuma outra transição conheceu de imediato e em simultâneo uma descolonização, ao ponto de o fim do regime ser identificado com o fim da guerra e o desta com o fim do regime. Não é por acaso, aliás, que é essa a primeira motivação dos militares que fazem o golpe. Depois, à medida que o tempo passa, some-se na memória a lembrança de quem foi o quê num regime de que ninguém nunca politicamente ousou reclamar-se depois dele. Se

Área: 2166cm² / 55%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4819148



Data: 05.04.2014

Título: Como os portugueses vêem o Estado Novo

Pub: **Expresso**

clipping
consultores

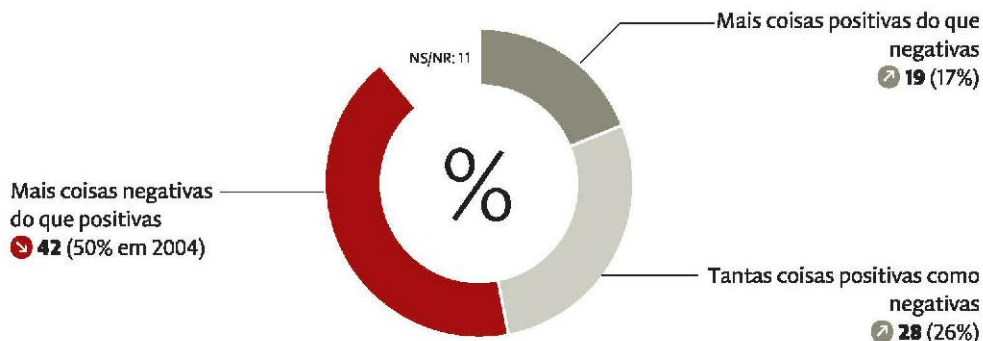
Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;20;21

há protagonistas deste Estado a quem em tempos chamaram Novo é Salazar, por vezes Américo Tomás, o Presidente. Quanto a Marcello Caetano, o derrubado afinal, já poucos sabem quem foi. L.M.

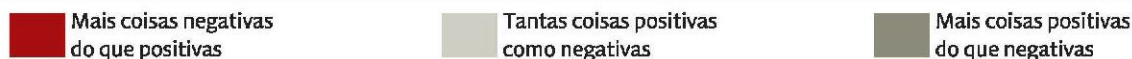
A HISTÓRIA DEVERIA RETRATAR O REGIME POLÍTICO QUE EXISTIA ANTES DO 25 DE ABRIL COMO UM PERÍODO QUE TEVE...



Nos últimos 10 anos diminuíram os juízos negativos sobre a ditadura. São as pessoas com um nível de rendimento mais alto que demonstram ter uma tendência maior para ver o regime político que existia antes do 25 de Abril como um período que teve mais coisas negativas do que positivas

IDENTIFICAÇÃO PARTIDÁRIA

Em %



FICHA TÉCNICA "40 ANOS DO 25 DE ABRIL"

O ESTUDO "40 ANOS DO 25 DE ABRIL" FOI PROMOVIDO PELO INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (ICS-UL) E SEMANÁRIO EXPRESSO, COM O APOIO DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. O INQUÉRITO FOI REALIZADO PELA GFK METRIS DURANTE O MÊS DE JANEIRO DE 2014, JUNTO DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA DA POPULAÇÃO COM 15 OU MAIS ANOS RESIDENTE EM PORTUGAL CONTINENTAL, CONSTITUÍDA POR UM TOTAL DE 1254 INQUIRIDOS. OS INQUIRIDOS FORAM SELECIONADOS ATRAVÉS DO MÉTODO DE QUOTAS, COM BASE NUMA MATRIZ QUE CRUZA AS VARIÁVEIS SEXO, IDADE (7 GRUPOS), INSTRUÇÃO (2 GRUPOS), OCUPAÇÃO (2 GRUPOS), REGIÃO (7 REGIÕES GFK METRIS) E HABITAT/DIMENSÃO DOS AGREGADOS POPULACIONAIS (5 GRUPOS). OS RESULTADOS FORAM PONDERADOS, COM BASE NOS DADOS DO INE (CENSOS 2011). A INFORMAÇÃO FOI RECOLHIDA ATRAVÉS DE ENTREVISTA DIRETA E PESSOAL, EM TOTAL PRIVACIDADE

Área: 2166cm² / 55%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4819148



Data: 05.04.2014

Título: Como os portugueses vêem o Estado Novo

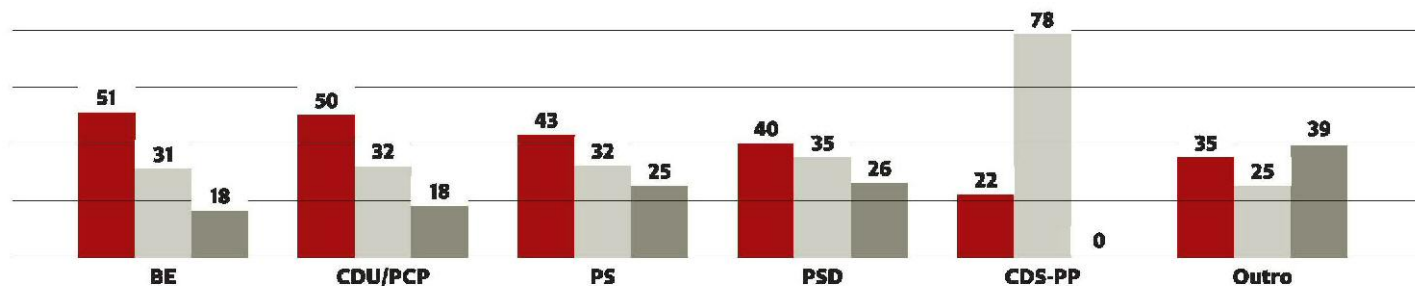
Pub: **Expresso**

clipping
consultores

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;20;21



Justiça

E se nunca tivesse havido 25 de Abril?

OS RESPONSÁVEIS POLÍTICOS DO REGIME ANTERIOR DEVIAM TER SIDO JULGADOS?

Sim **56%**

Fez-se bem em permitir a sua saída do país **22%**

NS/NR: 22%

FOI FEITA JUSTIÇA AOS FUNCIONÁRIOS DA PIDE/DGS, RESPONSÁVEIS PELA REPRESSÃO?

Sim **24%**

Não **45%**

NS/NR: 31%

O QUE ACHA MAIS PROVÁVEL QUE TIVESSE ACONTECIDO?

Teria havido um golpe militar semelhante pouco tempo depois **32%**

O regime anterior teria sido derrubado de forma mais violenta **23%**

Ainda hoje viveríamos numa ditadura **12%**

Teria sido negociada uma transição para a democracia **9%**

NS/NR: 25%



Embora para 1/3 dos portugueses o cenário mais provável fosse um golpe militar semelhante pouco tempo depois, diminuiu o número daqueles que acreditam numa solução negociada. Para os portugueses, o fim do regime estava indissoluvelmente ligado ao fim da guerra, o que aquele não conseguiu negociar

Área: 2166cm² / 55%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4819148